

A REPRESENTAÇÃO DA MORTE EM EPITÁFIOS

Jéssica Câmara Siqueira¹

jessica.siqueira@usp.br

RESUMO: A visão de mundo em relação à morte reproduz a sociedade e reflete os papéis sociais e as ideologias de um grupo social de determinada época. O objetivo do artigo é verificar como se dá a representação da morte a partir das lexias e dos campos semânticos do gênero epitáfio, utilizando como aporte teórico a semântica lexical e noções da Análise Crítica do Discurso. O *corpus* consiste em 10 epitáfios, sendo metade representativa do século XIX e a outra parte do século XX, analisadas para contrastar a perspectiva da morte em cada século.

PALAVRAS-CHAVE: Análise crítica do discurso; campo semântico; epitáfio; morte; semântica lexical.

1. A HISTÓRIA DA MORTE NO OCIDENTE

Nas sociedades primitivas não existia o conceito de morte que conhecemos hoje. A morte era vista como um acontecimento que mudava a ordem da vida, ou seja, um novo estado de vida, já que não havia a noção de eternidade. Assim, era importante para essas civilizações enterrarem seus mortos com armas, comida e roupas, para que pudessem viver esse período distinto da vida. Nesse contexto, destaca-se o papel do banquete fúnebre, cerimônia de morte que marcava a mudança de estado do indivíduo, e o espaço para externalização da perda individual e do grupo (MORIN, 1970).

A mudança do conceito de morte ocorre com a inserção do desejo de imortalidade. Muito atrelada à religião, a noção de imortalidade traz em seu bojo o medo da morte, evidenciado pelo assombro humano de não saber lidar com essa nova situação. Assim, no modo como cada sociedade trata seus cadáveres, é possível verificar as ideias, preconceitos e a visão de mundo de uma época (CHIAVENATO, 1998).

Nas sociedades mesopotâmicas, com destaque para o Egito, há claramente um uso

¹ Doutoranda em Letras, Universidade de São Paulo – USP; bolsista Capes.

ideológico da morte. A morte era utilizada como um importante elemento do sistema de dominação, que contribuía com o condicionamento ideológico da população, tendo um papel não apenas religioso, mas social e político. Todo o ideário criado em torno das figuras dos deuses e das personalidades sociais, faraós e sacerdotes, ratificava o sistema de dominação ideológica (ARIÈS, 1982).

Enquanto na cultura egípcia havia uma preocupação extrema com a conservação do corpo para sua utilização na outra vida, os gregos enxergavam a morte com outra perspectiva. O rito fúnebre era a cremação, utilizado para demarcar a nova condição do indivíduo, sua passagem para a imortalidade. Nesse caso, as cinzas tinham um papel importante de guardar a memória do morto (MORIN, 1970).

Os ritos funerários marcavam não apenas a passagem do morto para outro plano de existência, mas também tinham a importante função de separar os vivos e os mortos. O medo da morte evidenciava-se de diferentes maneiras. Em Roma, por exemplo, proibia-se o enterro dentro da cidade, como uma forma explícita de se afastar os vivos dos mortos.

Além disso, desenvolveram-se estratégias que garantiam a permanência do morto longe dos vivos, tais como: fechar os olhos do morto para não encontrar o caminho de volta; colocar uma pedra em sua cova para impedi-lo de levantar-se, etc.(CHIAVENATO, 1998).

Os sistemas de morte desvelam a visão de mundo de um grupo social, refletindo seus sistemas de dominação ideológica. Na Idade Média, por exemplo, a Igreja apoderou-se de certas mortes e as utilizou como mecanismo de dominação, a exemplo da morte de santos e heróis das cruzadas. A divisão de classes e as desigualdades sociais também se evidenciam na morte. Religiosos e nobres são enterrados dentro das igrejas, próximos de Deus e dos santos, ao passo que aos pobres, é concedida apenas uma vala comum (BRAET; VERBEKE, 1996).

Apesar do medo da morte nessa época, principalmente na Baixa Idade Média com o contexto da Trilogia da Desgracia, guerra peste e fome, é notória a importância social dos ritos fúnebres. A celebração da morte estabelece a autoafirmação de um grupo social, indicando sua duração em determinado tempo/espaço. Dessa forma, destaca-se a importância da sepultura como um local da memória individual e coletiva de um grupo social (BRAET; VERBEKE, 1996).

Na Idade Moderna, a noção de morte associa-se a uma ruptura muitas vezes cruel e violenta da vida. O medo em relação à morte pode ser visto tanto na popularização de lendas em relação aos mortos vivos, como pelo crescente pavor das pessoas serem enterradas vivas, sentimento muitas vezes manifesto até nos testamentos (CHIAVENATO, 1998).

No século XIX ocorre o fenômeno da “morte suja”, influenciado tanto pelo olhar científico naturalista como pelos valores burgueses. Nesse contexto, há uma crescente preocupação com a sanitização e limpeza, o que acarreta a construção dos cemitérios públicos, afastados das cidades para evitar a proliferação de doenças. Por outro lado, a noção de morte neste século também é influenciada pelo olhar romântico, o que dá contornos nostálgicos e de fuga da realidade. E mesmo com a preocupação sanitária, é um dos períodos em que é mais marcante o papel do luto, sendo a “morte do outro” responsável por desencadear uma terrível perda para o seio da sociedade, reflexo dos valores burgueses da época (ARIÈS, 1982).

Em contraposição, no século seguinte, ocorre uma mudança na perspectiva de se encarar a morte. A figura da morte é negada e os elementos que compunham seu ideário são silenciados ou amortizados eufemisticamente. O luto como um rito social importante, tanto para o morto como para seu grupo social vivenciar a perda, foi silenciado. Hoje o luto é cada vez mais curto, e privilegia-se a contenção da dor. Num contexto em que se exige a felicidade a todo custo, os signos de dor e morte foram banidos da sociedade contemporânea (VOVELLE, 1993).

Ariès (1982) sintetiza esse novo contexto como de “morte invertida”. O local de morte não é mais domiciliar e acompanhado pelos familiares, ao contrário a morte é hospitalar e geralmente na solidão. Aqueles que morrem tem um velório cada vez mais breve, muitas vezes construindo-se um ambiente que se desconstrói a situação de morte, tendo o efeito de silenciar a dor da perda.

O luto também foi suprimido, não é permitido sofrer a dor da perda, é preciso ser feliz. A morte tornou-se um tabu, foi expulsa da sociedade e com isso observa-se tanto o fenômeno de sua banalização, como a sublimação de seu efeito nas pessoas. Tais fenômenos acarretam tanto a situação de catarse coletiva, observada principalmente na morte de pessoas famosas, como na indiferença em relação ao desaparecimento de um indivíduo, como se a recusa em enxergar a morte nos afastasse dela (ARIÈS, 1982).

A visão de mundo em relação à morte torna-se mais evidente contrastando-se a perspectiva do século XIX com a do século XX. Observando tal contraponto, propõem-se verificar como se dá a representação da morte a partir das lexias e dos campos semânticos do gênero epitáfio. A análise é feita tendo como *corpus* 10 epitáfios, sendo metade representativa do século XIX e a outra parte do século XX. Como aporte teórico para análise, serão utilizados conceitos da Semântica lexical e algumas noções da Análise Crítica do Discurso,

tendo como intuito nessa escolha comparar as diferentes perspectivas sociais da morte desveladas no epitáfio.

2. O GÊNERO EPITÁFIO

A origem etimológica do termo epitáfio provém do grego antigo ἐπιτάφιος (*epitáphios*), composto por dois radicais gregos: *epi-* (sobre, em cima de,) e *taphos-* (tumba, túmulo). Essencialmente, é uma inscrição tumular que identifica o lugar em que o morto está enterrado (CUNHA, 1986). Estruturalmente é formado por duas partes: a identificação é um curto texto, que pode ser de enaltecimento da pessoa morta ou meditação sobre um tema relativo à vida ou à morte. Este texto pode ser um poema, oração, trecho de obra literária, música ou frases escritas em primeira ou terceira pessoa (SANTOS; ROCHA; OLIVEIRA, 2010).

O epitáfio, assim como os demais gêneros *post mortem*, objetiva integrar o morto a um novo lugar social, vinculado à memória e à posteridade. No âmbito mais específico, o epitáfio estrutura-se a fim de atingir alguns objetivos pragmáticos:

- i. Chamar a atenção para a existência de um corpo, que não é precisamente o mesmo (aquele atuante socialmente), fixado, imóvel, no túmulo;
- ii. Convencer, por meio do enaltecimento ostensivo acerca da pessoa de quem se fala, de que as virtudes sobressaem-se na morte.
- iii. Provocar uma meditação sobre a finitude da vida e a mortalidade humana.
- iv. Compartilhar o luto dos sobreviventes com outros membros da comunidade a qual pertence o morto (SANTANA, 2011, p. 42)

Quanto à história, o epitáfio surge na Idade Antiga, como um gênero muito vinculado à morte de nobres, heróis e religiosos, com a função de ratificar o papel social do indivíduo. Mesmo com a forte tradição oral na Idade Média, o epitáfio sobrevive nos túmulos de religiosos e nobres, principalmente em latim e no formato de nota biográfica ou oração. Na Idade Moderna, com a separação mais evidente entre vivos e mortos utiliza-se a estereotipia “Aqui jaz”, que identifica o local para o culto funerário. O epitáfio, portanto, auxilia na perpetuação da lembrança do morto no seio da sociedade (ARIÈS, 1982).

A época de ouro de utilização do epitáfio é o período oitocentista, em que se observam, além da nota de identidade, textos mais longos, tanto de caráter biográfico, como elegias e orações, marcados pela retórica e eloquência romântica do período. Em contraponto,

no século seguinte, os epitáfios tornam-se mais concisos e menos eloquentes, evidenciando uma tendência de amortização do sentimento da morte e do luto (ARIÈS, 1982).

Mesmo com as mudanças observadas no gênero no decorrer do tempo, observa-se que preserva como sua principal função a criação ou a manutenção de uma representação simbólica de um ator social de determinada época e contexto social. Nesse viés, o epitáfio ratifica a visão de mundo de determinado grupo social (SANTANA, 2008).

Quanto à autoria, observam-se tanto epitáfios elaborados pelo próprio falecido, exprimindo confidências, meditações, e notas biográficas, como aqueles feitos por familiares ou pessoas de seu grupo social, geralmente textos de caráter elegíaco ou expressando a dor pela perda. Em ambos os casos, nota-se a tentativa da inscrição tumular projetar-se perpetuamente na memória dos sobreviventes. Para tal efeito, dois aspectos de diferentes naturezas contribuem para a perpetuação da memória do morto: o suporte escolhido para a manifestação do gênero e a escolha lexical (GUTHKE, 2003). A pedra, suporte recorrentemente escolhido para a transcrição do epitáfio, por sua resistência e menor vulnerabilidade às intempéries, acaba por validar e garantir a presentificação do morto na memória social. A escolha lexical, por sua vez, desvela a ideologia de um grupo, demarcando o papel social do morto.

Quanto à temática, os assuntos mais recorrentes são: a morte, a dor da perda, a saudade, o reencontro e imagens ligadas à vida. Além das temáticas, contribuem para compor o cenário enunciativo dos epitáfios alguns elementos do discurso, tais como o enunciador, referente, interlocutor e a intencionalidade (SANTANA, 2011).

O epitáfio, como gênero discursivo, apresenta a visão de mundo de um determinado grupo social. Ele representa uma situação social que se fixa em determinado tempo/espço, reforçando muitas vezes estereótipos e expressando os diversos papéis sociais através da memória documental. Assim, Santana (2011) completa:

[...] essa produção de textos reforça papéis sociais distintos ligados aos mais variados campos discursivos e funcionam como ações rituais que inserem o morto na memória do grupo a que pertence, marcando a perda da individualidade do morto e a dependência de sua existência em torno de toda coletividade que o envolve (SANTANA, 2011, p.56).

3. APORTE TEÓRICO

3.1 A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

As origens da Análise Crítica do Discurso (ACD) se prenunciam na década de 70, com os estudos da Linguística Crítica no Reino Unido e Austrália. Alguns fundamentos da perspectiva crítica de análise também podem ser encontrados no final da década de 70 na Escola de Frankfurt. Nesse período, também contribuem para a constituição teórica as tendências críticas da Sociolinguística, Psicologia e Ciências Sociais. Van Dijk sintetiza os principais aspectos da ACD:

Análise crítica do discurso é um tipo de investigação analítica discursiva que estuda principalmente o modo como o abuso de poder, a dominação e a desigualdade são representados, reproduzidos e combatidos por textos orais e escritos no contexto social e político. Com essa investigação de natureza tão dissidente, os analistas críticos do discurso adotam um posicionamento explícito e, assim, objetivam compreender, desvelar e, em última instância, opor-se à desigualdade social (VAN DIJK, 2003, p.113).

Outro aspecto ressaltado pelo autor é o caráter multidisciplinar da ACD. Ela não tem um método ou teoria que possa ser aplicável em problemas sociais. Van Dijk (2008) prefere denominar a ACD como uma perspectiva crítica, voltada ao estudo das estruturas e estratégias cognitivas envolvidas nos processos que afetam as cognições sociais de grupos.

Contudo, como não constitui uma diretriz específica de investigação, a ACD não possui um enquadramento teórico único, o que acarreta a formação de diversos tipos de ACD. A escolha do método descritivo dependerá dos objetivos, natureza dos dados, interesse, qualificação do pesquisador, enfim, diversos parâmetros contextuais que caracterizam diferenças nas abordagens dos estudos de análise crítica.

Diferente da análise do discurso comum, a análise crítica do discurso não descreve simplesmente as estruturas discursivas, mas procura explicá-las em termos das propriedades da interação social e da estrutura social. Assim, volta-se para os modos como as estruturas do discurso, produzem, confirmam, legitimam, reproduzem ou desafiam as relações de poder e dominação da sociedade.

Quanto à abordagem de Van Dijk (2003), o diferencial de sua proposta está em perceber a importância da cognição na mediação da relação entre o discurso e a sociedade. Para explicar tais relações, o autor apresenta três vértices: o discurso, a sociedade e a cognição. O discurso é o acontecimento comunicativo que ocorre numa situação social. A

sociedade é formada por estruturas locais e globais que são definidas nas relações de determinado grupo social. E a cognição é o conjunto de crenças e experiências pessoais e compartilhadas, que unidas ao aspecto social, definem o contexto do discurso.

A cognição é formada por dois tipos de memória, a episódica e a social. A primeira diz respeito às crenças e experiências de cunho pessoal, e é representada por modelos mentais. Basicamente se constitui a partir de modelos mentais contextuais, referente a um contexto situacional e em que o locutor conhece ou pensa que conhece seu interlocutor; e os modelos mentais de acontecimentos são marcados pelas situações enunciativas e como os usuários entendem um assunto da enunciação. Já a memória social são as crenças e valores compartilhados por um grupo social, mas que não são aceitas por todos, o que gera os conflitos e as assimetrias no discurso (VAN DIJK, 2003).

Os grupos sociais que apresentam um comportamento comum partilham de uma mesma ideologia. “A ideologia é uma estrutura cognitiva complexa que controla a formação, a transformação e aplicação de outros tipos de cognição social, tais como o conhecimento, as opiniões [...] e as representações sociais” (VAN DIJK, 2003, p.48). A ideologia proporciona uma coerência das atitudes sociais, que por sua vez acabam por influenciar as práticas sociais, que poderão ser observadas nas diferentes perspectivas em relação à morte.

3.2 ASPECTOS LINGUÍSTICOS PARA A ANÁLISE

No intuito de resgatar noções básicas que fundamentam os estudos da Semântica lexical, apresentaremos alguns conceitos que serão utilizados na análise. A propósito da unidade léxica, Biderman (2001) resgata diferentes perspectivas sobre tal noção, mas no escopo deste artigo nos deteremos apenas a dois conceitos: lexema e lexia.

O termo palavra, geralmente usado de forma genérica e imprecisa, no âmbito dos estudos lexicais pode ser substituído por lexema ou lexia. A noção de lexema seria utilizada para designar a unidade léxica abstrata de uma língua, ou seja, corresponde aquilo que uma língua oferece de possibilidades para seu uso. No entanto, quando o lexema é colocado em um contexto de uso, no discurso, utiliza-se outra denominação, lexia. A lexia, segundo o “grau de soldadura” entre os demais elementos, pode ser considerada simples ou complexa, indicando assim tanto as vias de fluxo e refluxo do sistema, como seu índice de coesão interna (BIDERMAN, 2001).

No âmbito da análise do discurso, é evidente a opção de escolher a lexia como a unidade léxica básica a ser analisada. No entanto, além das lexias, também será considerada para a análise a noção de campo semântico. Segundo Lyons (1977) os campos semânticos são “realidades vivas” que fazem a intermediação entre uma palavra em seu *status* isolado (lexema) e sua atualização no discurso (lexia). Enquanto o campo lexical corresponde ao grupo de lexemas relacionados entre si por algum traço de semelhança, o campo semântico agrupa lexias relacionadas entre si pelo seu significado (semema), podendo ser resumidas por um termo geral.

A partir de tais considerações, é feita a análise dos epitáfios observando como as lexias e a formação dos campos semânticos contribui para a construção do ideário de morte nos séculos XIX e XX.

4. ANÁLISE DOS EPITÁFIOS

Os epitáfios analisados foram extraídos do site *Túmulos do Brasil* e de uma visita ao Cemitério da Consolação em São Paulo. Foram selecionados para a análise 10 epitáfios, sendo cinco do século XIX e cinco do século XX. O objetivo da análise é verificar como se dá a representação da morte no gênero epitáfio, comparando as distinções ideológicas entre os séculos XIX e XX.

Um primeiro aspecto contrastivo é a figura do enunciador. No século XIX é muito recorrente a voz da família ou de pessoas do grupo social da pessoa falecida se expressar nos epitáfios. Tal expressão se manifestava principalmente através do lamento pela perda da pessoa amada, evidenciando como a morte do outro afetava a sociedade da época. No epitáfio “a nossa idolatrada filhinha inocente/ O coração dilacerado dos pais” (CEMITÉRIO DA CONSOLOÇÃO, R.10, T.8), observamos a proximidade dos locutores com a pessoa falecida, evidenciada por vários elementos: uso do pronome possessivo “nossa”; utilização dos substantivos que denotam a relação familiar entre os enunciadores e a pessoa falecida, “pais” e “filhinha”; o diminutivo usado como marca de afeto e proximidade (*filhinha*); a escolha lexical que evidencia o afeto (“idolatrada” e “inocente”) e a dor da perda dos pais (“coração dilacerado”).

Em contraponto, no século XX, num epitáfio também de uma criança, a dor da perda é sublimada. Ao invés de termos a expressão direta do sofrimento dos pais pela perda precoce da criança, demonstra-se certa resignação com a perda, o que pode ser notado pelo uso da

citação bíblica: “deixai vir a mim as criancinhas, que delas é o reino dos céus- disse-lhes Jesus” (CEMITÉRIO DA CONSOLOÇÃO, R.12, T.5). Além da aparente resignação, há a presença da religião, como um elemento que denota indiretamente a promessa de um possível reencontro, fato que poderia “abrandar” a perda.

Quanto ao enunciador, no século XX, é mais recorrente a utilização da 1ª pessoa, ou seja, a voz do próprio morto, com palavras ditas realmente por ele, ou que são colocadas como se dele fossem. Quando ocorre o primeiro caso, geralmente é marcado entre aspas, e tem como campo semântico momentos da vida, ou reflexões sobre a vida, como podemos observar no exemplo abaixo:



Figura 1: Epitáfio de José Tavares Miranda

Fonte: (RUBIALES, 2012)

No exemplo acima, podemos observar a marcação de primeira pessoa com a utilização do verbo “nasci”. A escolha lexical, marcada por substantivos concretos, evidencia o campo semântico associado à vida e não à morte. Além disso, a pessoa falecida “escolhe” lembrar-se de um elemento ligado ao seu nascimento e não sua morte, ou seja, o local onde nasceu e não o de sua morte.

O local da morte é outro aspecto marcante de distinção entre os séculos XIX e XX. Até o século XIX era muito recorrente o uso da estereotípia “aqui jaz”, que ressaltava a importância do local de sepultamento para se prestar as homenagens à pessoa morta, servindo para preservar a memória do morto para a coletividade. Nessa época, havia uma importância social tanto quanto à vivência do luto, como as visitas ao cemitério para cultivar a memória da pessoa falecida.

Já no século XX, gradativamente, a importância do luto se desfaz. A própria cerimônia fúnebre fica mais curta, e as visitas ao cemitério mais raras, concentrando-se no dia de finados. Tal comportamento é explicado pelo fato da morte ter se tornado um tabu em nossa

sociedade. As consequências disso são notadas no evidente silenciamento em relação à dor da perda, muitas vezes sublimada ou artificialmente substituída por uma frágil esperança de reencontro. Num contexto em que se valoriza a juventude eterna e o progresso científico, não há espaço para a figura da morte, sempre acompanhada da inevitável lembrança da finitude humana.

No exemplo abaixo, do século XIX, observamos a importância do local de morte. A pessoa em questão tinha sido proibida de ser enterrada no cemitério público pelo bispo, por conta de sua participação na Revolta Praieira (1848) e por seus ideais liberais, que contrastavam com os princípios religiosos da época. No final do impasse, ele acaba sendo sepultado no Cemitério dos Ingleses, mas a família faz questão de salientar a injustiça, deixando para a posteridade a lembrança desse fato.



Figura 2: Epitáfio de José Ignácio de Abreu e Lima

Fonte: (RUBIALES, 2012)

O local de morte no século XX não é tão evidenciado e isso também é visto em casos de pessoas públicas que poderiam ter o local de sepultamento transformado em memorial. Um exemplo interessante é o epitáfio de Chico Xavier, um dos maiores divulgadores do espiritismo no Brasil: “A minha família, aos amigos, ao povo. A minha morte me pertence - meu corpo deve voltar para a mãe terra e não deve ser tocado”. A primeira distinção em relação ao século XIX, é que o próprio morto é que fala, fazendo até um agradecimento às pessoas vivas e não o contrário. Além disso, ele ressalta que seu corpo lhe pertence, indicando assim, outro traço da morte nessa época a individualização desse momento.

Contrário ao século anterior, em que a morte era domesticada, dividida entre a família e o grupo social antes, durante e depois do falecimento, no século XX o indivíduo vivencia grande parte desse momento individualmente, ou aos cuidados de terceiros em hospitais. No caso específico de Chico Xavier, há ainda outro elemento que deve ser lembrado, o fato dele

ser contrário à ideia de se tornar uma figura de veneração pós-morte, deixando claro em seu epitáfio o desejo de não ter seu corpo venerado.

Outro aspecto distintivo entre os períodos é a perspectiva quanto ao tempo. No século XIX, evidencia-se um olhar voltado ao passado, ressaltando-se os feitos e as virtudes da pessoa falecida. No exemplo abaixo, podemos observar os substantivos e adjetivos utilizados para enaltecer a figura da pessoa morta. Além disso, temos os verbos no pretérito perfeito, representando as ações concluídas pelo morto e que devem ser lembradas na posteridade: "Paolo Mazzo Di - Espírito superior a sua época, precoce pregador de ideias avançadas, enamorado da justiça. Trabalhou, combateu, amou e soube sofrer. Morreu aos trinta e cinco anos. Em 15 08 1882" (CEMITÉRIO DA CONSOLOÇÃO, R.7, T.12).

No século XX, ao contrário, privilegia-se um olhar para o futuro. A escolha verbal, geralmente associa-se ao uso do subjuntivo, ou o presente ou mesmo o futuro, para indicar um desejo, um anseio, sentimentos incertos. Assim temos:

Que o *caminho* seja brando
A teus *pés* e em tua *face* serena
Vento sopra leve em teus *ombros*
Que o *sol* brilhe cálido sobre a tua *face*
As *chuvas* caíam serenas em teus *campos*
E até quando eu de novo te veja
Que Deus te guarde na *palma* de tua *mão*
(CEMITÉRIO DA CONSOLOÇÃO, R.9, T.3).

O uso do subjuntivo marca o campo semântico do reencontro, que mesmo incerto é desejado pelo enunciador. Além disso, as *lexias* em *itálico* ressaltam o campo semântico ligado à vida (substantivos concretos e adjetivos que denotam sentimentos positivos), mais uma vez ratificando a sublimação da dor da perda, substituída por uma resignação e negação da morte.

De forma geral, podemos afirmar que no século XIX a perda do outro era evidenciada pela dor, personificada na figura da morte, temida pela sociedade, mas incorporada como uma etapa da vida humana a ser vivenciada pelo grupo social. A morte e a dor da perda podem ser facilmente evidenciadas no epitáfio da esposa de Machado de Assis:

Querida, ao **pé do leito derradeiro**
Em que **descansas dessa longa vida,**
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o *coração do companheiro*

Pulsa-lhe aquele *afeto verdadeiro*
Que a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apetecida
E num recanto pôs o mundo inteiro

Trago-te **flores- restos arrancados**
Da terra que nos viu passar unidos
E agora **mortas** nos deixam *separados*

Que eu, se tenho nos *olhos malferidos*
Pensamentos da vida formulados
São pensamentos idos e vividos. (ASSIS apud RUBIALES, 2012).

Podemos observar acima, em negrito as lexias que indicam o campo semântico relacionado diretamente à morte. Já as lexias em itálico evidenciam o campo semântico relacionado à dor da perda da pessoa amada.

No século XX, se compararmos a mesma situação enunciativa, um epitáfio para a mulher amada, verificaremos, que mesmo com indicações de afeto, como veremos no exemplo abaixo (“meu sabiá”), há uma explícita negação da morte:

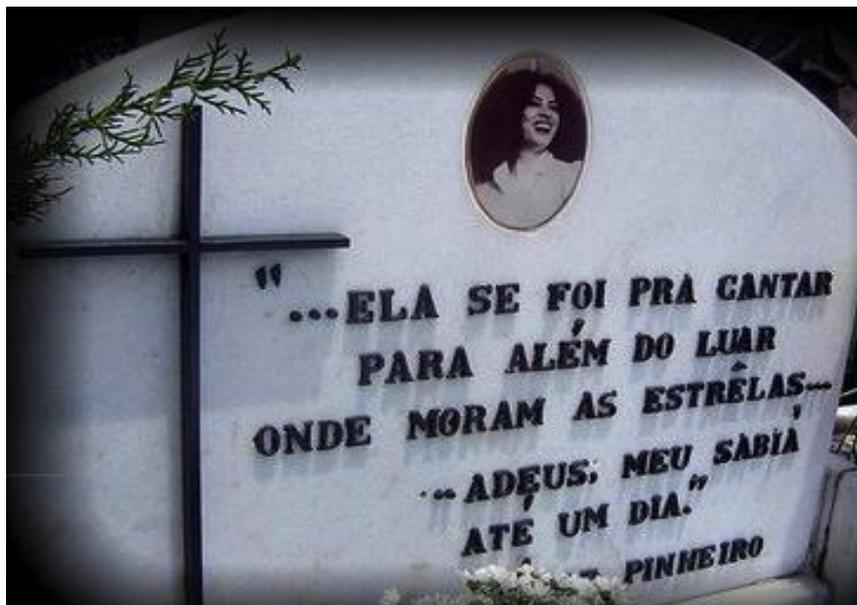


Figura 3: Epitáfio de Clara Nunes

Fonte: (RUBIALES, 2012)

No epitáfio de Clara Nunes a escolha pelo uso do eufemismo “ela se foi”, indica uma postura recorrente nesse período de negação da morte. Quando se fala sobre a morte ela é atenuada pela promessa de um possível reencontro, como podemos ver em “até um dia”, ou mesmo sublimada dos epitáfios, preferindo-se a utilização de lexias ligadas à noção de vida (“luar” e “estrelas”).

Por fim, podemos constatar que nos campos semânticos do século XIX, há uma maior recorrência de lexias ligadas à morte e a dor da perda da pessoa amada. Tais escolhas lexicais

refletem um período em que a morte ainda tinha um importante papel na sociedade ocidental. Além desses dois campos semânticos, é também recorrente o enaltecimento das virtudes da pessoa falecida e lexias que denotem a saudade pela perda, como podemos visualizar no gráfico abaixo:

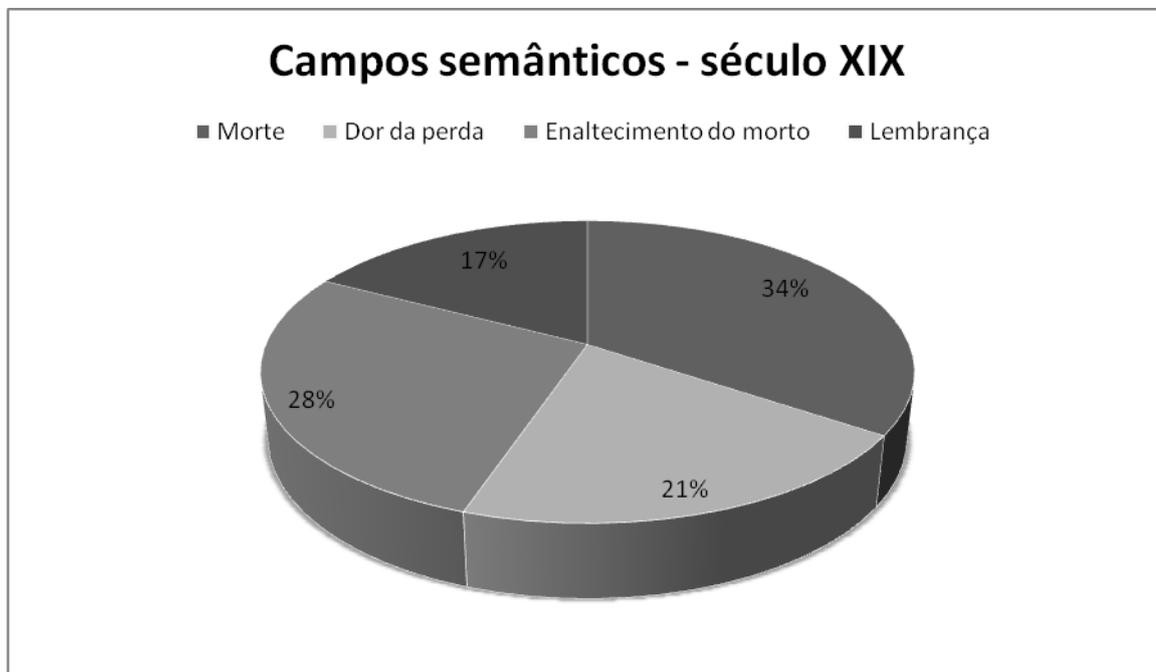


Gráfico 1: Frequência dos campos semânticos do século XIX

Todavia no século XX, gradativamente a morte é banida da sociedade, tornando-se um tabu. Dessa forma, evidencia-se essa visão de mundo nos sepultamentos e consequentemente nos epitáfios. As lexias associadas à morte também são banidas e substituídas por lexias ligadas à vida e a um desejado, mas incerto, reencontro. A dor pela perda é sublimada, e muitas vezes substituída por uma aparente resignação. Podemos observar tais constatações nos gráficos abaixo:

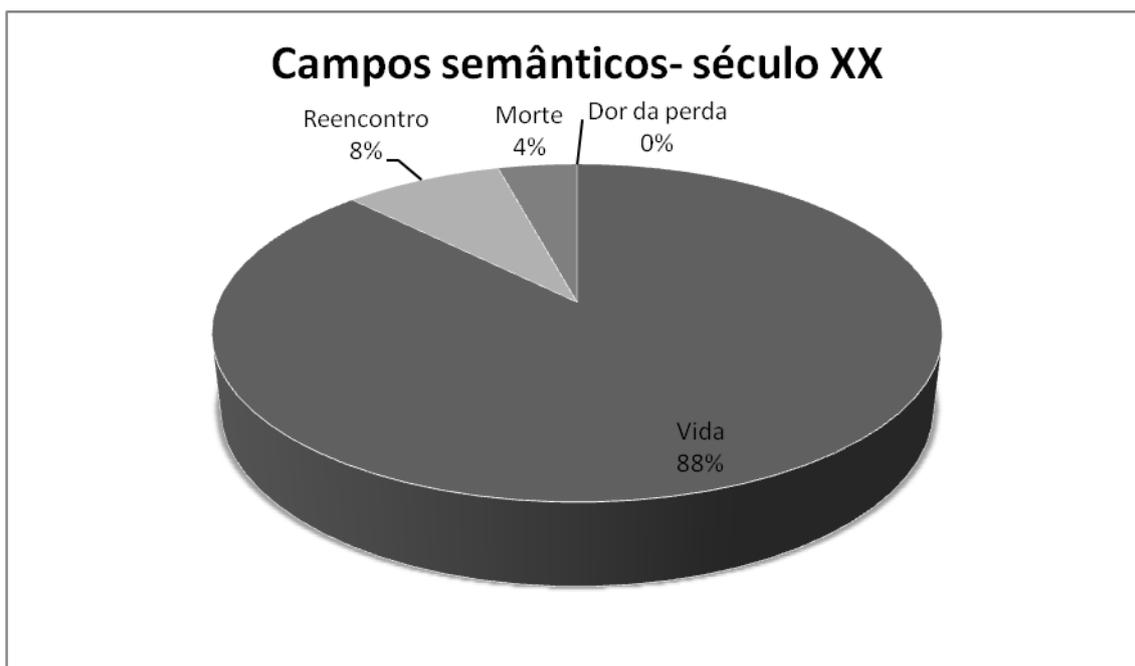


Gráfico 2: Frequência dos campos semânticos do século XX

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos epitáfios dos séculos XIX e XX mostrou que os conceitos e usos sobre a morte reproduzem a sociedade e refletem os papéis sociais e as ideologias de um grupo social em determinada época.

Os epitáfios se constituem tanto a partir elementos da memória episódica (experiências e crenças pessoais), como de modelos mentais afetados pela ideologia de um determinado contexto (memória social compartilhada). E a cognição nessa conjuntura tem o importante papel de intermediar as relações entre o discurso e a sociedade. Dessa forma, a representação mental do conceito de morte é construída através da intermediação da cognição.

A construção do ideário da morte na sociedade, portanto, é fruto das representações mentais da memória episódica e da memória social. Assim, a perspectiva em relação à morte, evidenciada nos epitáfios, reflete através das lexias e campos semânticos a visão de mundo de determinado grupo social.

REFERÊNCIAS

1. ARIÈS, P. *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
2. BIDERMAN, M.T. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
3. BRAET, H.; VERBEKE, W. *A morte na Idade Media*. São Paulo: Edusp, 1996.
4. CHIAVENATTO, J.J. *A morte - uma abordagem sociocultural*. São Paulo: Moderna, 1998.
5. LYONS, J. *Semântica*. Cambridge: Cambridge University, 1977.
6. MORIN, E. *L'homme et la mort*. Paris: Editions Seuil, 1970.
7. RODRIGUES, R.H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J.L; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, P. (org) *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005.p.152-183.
8. RUBIALES, U. *Túmulos famosos do Brasil*. São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://tumulo-artistabrasileiro.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 01 out. 2012.
9. SANTOS, F.A.; ROCHA, D.C.O.; OLIVEIRA, M.S. Efégies da morte - o imaginário fúnebre em meio aos elementos tumulares no cemitério Santa Isabel (1950-2008) *Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais*. v. 12, n.12, 2010. Disponível em: <http://www.unit.br/Publica/2010-2/HS_EFIGIES_DA_MORTE.pdf>. Acesso em: 19 set.2012.
10. SANTANA, F.J.S. A Tradição em lápides tumulares do século XIX. *Soletras*, ano VIII, nº 15. São Gonçalo: UERJ, jan./jun.2008. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/soletras/15/a_tradicao_discursica_epitafio_em.pdf>. Acesso em: 19 set.2012.
11. SANTANA, F. J. S. *A retórica fúnebre: uma abordagem histórico-discursiva de epitáfios, obituários e memoriais virtuais*. (Dissertação). Doutorado em Linguística. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.
12. VAN DIJK, T. A. La multidisciplinarietà del análisis crítico del discurso: un alegato en favor de la diversidad. In: WODAK, R.; MEYER, M. *Métodos de análisis crítico del discurso*. Barcelona: Gedisa, 2003.
13. VAN DIJK, T.A. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2008.
14. VOVELLE, M. *L'heure des grand passage chronique de la mort*. Paris: Gallimard, 1993.

ABSTRACT: The worldview in relation to death and reproduces society reflects social roles and ideologies of a particular social group of the time. The purpose of the article is verify how the representation of death from lexias and semantic fields of gender epitaph, as the theoretical concepts using lexical semantics and notions of Critical Discourse Analysis. The corpus consists of 10 epitaphs, half of the nineteenth century representative and the other part of the twentieth century analyzed to contrast the prospect of death in each century.

KEYWORDS: Critical discourse analysis; semantic field; epitaph; death; lexical semantics.

Recebido no dia 16 de novembro de 2012.

Aceito para publicação no dia 20 de fevereiro de 2013.